



Gaiato



OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

Ano XIII — N.º 356 — Preço 1\$00
2 DE NOVEMBRO DE 1957

Composto e impresso na Tipografia da Casa do Gaiato — Paço de Sousa
Redacção e Administração: Casa do Gaiato — Paço de Sousa

FUNDADOR
PADRE AMÉRICO

Propriedade da OBRA DA RUA — Director e Editor: PADRE CARLOS
Vales de correio para Paço de Sousa — Avença — Quinzenário

Facetas de uma Vida

O que deve ter sido aqui a adaptação a esta vida trabalhosa e pobre, cheia de certeza, sim, mas também de incomodidade, agora que conheço Vilarinho, é fácil imaginar. Em princípio continua como leigo, em prova diante dos superiores e de si mesmo. Esta condição deixa-lhe ainda um resto de liberdade. Começa os estudos, «mórmente o latim». Continua, como sempre, interessado pelos seus Pobres: os antigos que muito recomenda ao irmão Padre José e outros novos, que vai descobrindo. Nem era preciso ir longe para os descobrir.

É curioso, que duas vezes, em dois inícios, se revela nele o interesse pelos doentes e inutilizados pela vida, o qual, em grande escala, viria a ser a sua última obra — o Calvário. Em Coimbra, antes de se ordenar, ou logo após, entregou ao Prelado o resto dos seus dinheiros para uma casa de repouso de Padres idosos e cansados, que ele sonhava nos moldes em que pensou o Calvário: Uma casa deles, por eles, para eles. Nada que lembrasse asilo. Antes uma disposição, de tudo para que cada um, naquela idade em que mudar de hábitos é cruel, os pudesse conservar, dentro de uma disciplina geral bastante elástica.

Infelizmente não foi o seu programa que vingou. Os primeiros que lá entraram, breve saíram por seu pé.

Em Vilarinho a primeira paixão foi Frei Matias. Este era um octogenário, verdadeiramente na segunda infância, que habitava a primeira cela do corredor, à esquerda, mesmo juntinha à porta que dá para o noviciado. O Américo morria por adoçar o sofrimento do querido Frei Matias. Quando ia a Vigo «nunca voltava sem mimos para o seu Frei Matias: doces, bombons, bolos, lambarices». Se pensava que daria prazer ao seu amigo um passeio, ou vir simplesmente até à cerca tomar um pouco de ar e sol, pegava nele ao colo e trazia-o. Regalava-se de regalar o pobre entevado velhinho, seu entretenimento. Ria e chorava com ele... Passava tempos esquecidos com ele. E o doente morria-se pelo seu amigo, e ria-se perdido de gosto, com a boquilha toda desdentada...

Era Jesus em Frei Matias. Mas a paixão não era só Frei Matias. Eram os doentes em geral. Ainda existe em Vilarinho



A sombra da Cruz é o refrigerio das dores da Paternidade.

— trinta e sete anos depois! — uma cadeira de verga que o Américo comprou para os enfermos gozarem um bocadinho mais de comodidade durante a doença.

E esta paixão continuou, sempre. Anos mais tarde no Seminário de Coimbra, um padre, ou um companheiro, adoeceu gravemente. Américo instalou-se à ca-

beceira. De noite estendia um colchão e ali dormia. Era tão feliz assim, servindo, que o coração se lhe alegrou pelas melhoras do doente; e se lhe entristeceu por essas melhoras o tornou inútil ao amigo.

De resto, o próprio Prelado, de feito austero, mesmo duro, se — Continua na 2.ª página —

Aqui, Lisboa!

A entrada já de si é apertada. Canastras, tabuleiros de vendedores e vozes humanas estreitam-na mais ainda. Pedimos licença e a densa multidão palradora deixa-nos avançar. Na primeira ruela o piso irregular torce-nos os pés. Pela esquerda, que a barreira do lado oposto não permite, desfila um combóio de carcumidinhas habitações de madeira. Metros andados, outro se junta e seguem os dois a par. Ao fundo, a rua dá uma pequena curva e abre-se franca rotunda. Dali irradiam becos em todos os sentidos e vislumbra-se por eles idêntico panorama. As barracas sucedem-se, a esconder-se na tortuosidade daqueles meandros, parecendo cair ao leve encosto de quem passa, tão inclinadas e inconsistentes. Seres humanos espreitam por todas as frinchas e surgem de todos e em todos os lados. O cheiro nauseabundo que se exala dos esgotos ao ar livre faz espessar a respiração de quem não anda afeito. Os próprios moradores procuram a rua, onde a brisa ao de leve

varre o ar viciado. Faz-se da rua a sala de estar. Dela a sala de visitas, de repouso, de distração, de tudo. Nela se preparam os alimentos e confeccionam objectos para vender. Em meio da mesma rua «as crianças aprendem a escola da vadiagem», como nos segredam as mães conscientes da responsabilidade que lhes cabe. «— A gente não as pode ter em casa!» Como se aquilo o fóra!

Ainda na rua à sombra das oliveiras que aqui e além conseguem resistir, repousam doentes. Doentes que procuram ar e sol para atenuar as penas. Estão prostrados sem esperança, com pouco alento de vida. Baixinho, sem forças já, confiava-nos sua mágoa aquele pai de cinco filhos, chamado pelo Senhor em fins de Setembro passado. As chagas abundam. Dor e martírio é a vida deste povo da Curraleira. Cada fila de barracas é um mundo de sofrimento. Cada uma daquelas outro. Cada ser que as habita ainda outro. Sofrimento agravado pelo abandono, pela rejeição dos homens e pelo flagelo actual que Deus permitiu. Não há recanto nem peito sem angústia. A prostração resultante da gripe impede o trabalho, e sem ele, mingam os recursos e faltam os alimentos. São dramas realistas que os homens de hoje apreciam no viver.

A existência do mal físico e moral no mundo é um dos mistérios que tantas vezes prescrito e com que não atino.

Porquê a fome, a nudez, o desabrigo, a doença, a miséria imerecida? Ele sofre-se tanto! Estas colunas têm gemido vezes sem conta, os males do mundo.

Onde o imperativo que justifique a disparidade de vidas e situações? Porque sofrem tanto uns e folgam demasiado outros? Se dum lado uns se afundam por seu mau governo, onde a base para a ascensão de outros? Sangue e «cunha» são as alavancas de hoje. Sem elas nada. O mérito pouco conta sem aquelas. E aquelas tudo valem mesmo sem este. Tristes tempos em que só vale o que não tem valor.

O saber humano não compreende, e por isso julga in-

Do que nós Necessitamos

As cartas falam assim: «Nesta vida constante com a vida material, por vezes esquecemo-nos da realidade triste, mas verdadeira, da imensa onda de pobreza que aflige os nossos irmãos pobres. Na verdade há muitos que não têm o indispensável para a vida e no entanto têm absoluto direito a isso. Se nos compenetrássemos, se nos imbuíssemos bem profundamente desta tremenda verdade, como se mudaria a face deste miserável planeta! Os egoísmos, porém, são dia a dia mais ferozes, mais extremistas e vulgarmente olvidamos uma parte importante da sociedade, o seu corpo sofredor e necessitado». Estas palavras traduzem um estado de alma. Revelam inquietação. É o princípio. Um dos grandes males da sociedade é a inconsciência dos problemas que a afligem. Sem isso, nada. Sem consciência não há o sentido da responsabilidade. «Os egoísmos são cada dia mais ferozes, mais extremistas...». Quem se sente responsável jamais pode descansar no seu comodismo. Há luta. Há sangue. O fogo ateia-se. A vitória não tarda. «Como se mudaria a face deste miserável planeta!». Um dos muitos benefícios da Obra da Rua, que não o menor, está no despertar a consciência social da nossa

gente. Mudança de mentalidade. Sentido da responsabilidade social. «Muitos não têm o indispensável para a vida e no entanto têm absoluto direito a isso». A um direito corresponde um dever. E o coração humano encerra um mundo de energias. Felizes os que as descobrem e as põem a render. As cartas falam nessa descoberta. Um manancial de paz e alegria fruto de uma generosidade sem limites. É a alegria do dar.

Alguém que pede a caridade de ocultar o nome e morada envia 500\$ para as necessidades mais prementes. Tem razão. «Somos meros administradores e não possuidores. Tudo Lhe pertence». E se o mundo compreendesse assim? E se os que têm falassem desta maneira? «Como se mudaria a face deste miserável planeta! Vinte de Lisboa. Mais 100 com promessa de voltar de vez em quando. A missão de pai é uma missão difícil. Felizes os que o sabem ser. Felizes os filhos que têm pais verdadeiros. Os meus filhinhos também lêem e gostam muito do «Gaiato».

Visado pela
Comissão de Censura

Mandam 20\$00. É de Estarreja. Uma avózinha fala por 4 netinhos e diz que são 100\$00. Os homens de amanhã começam no berço. 50 de quem quer dar mais e não pode. A viúva do Evangelho também deu o que tinha. E ninguém deu mais do que ela. Quando traz o selo do sacrifício vale mais.

«É sempre com enternecimento que penso na Obra da Rua. Completo nesta data os 1.200\$00 que prometi». A alegria de dar! E quando é por amor...

Sá da Bandeira apresenta-se com 50. 674\$50 da ADEFA. Lisboa aparece e dá 500\$. Não quer que diga o nome. «Quando deres, que a tua direita não saiba o que faz a esquerda». Não tem faltado a visita de grupos excursionistas à nossa Casa. Há a beleza da natureza para admirar. Sim. Não apenas essa. A Casa do Gaiato é santuário de almas. Por isso também não faltam os que vêm em espírito de romagem. Os «Companheiros da Alegria» de Vila Nova de Gaia vieram e deixaram 160\$00. Outro vem até nós e deixa algo do seu suor — 129\$00. Coimbra toma a palavra e diz que são 20\$. Um de dez anos oferece a camisola com que fez exame e mais 20\$00. Pais,

— Continua na segunda página

— Continua na terceira página

Agora

Da que nós necessitamos

Continuação da 1.ª Página

A Caridade não morre, não envelhece, não cansa. A questão é que seja Caridade, sem aqueles compromissos mundanos que diluem a perfeita distinção entre Ela e a benemerência, ou assistência ou filantropia. Que tenha a Deus por origem — a Deo — e a Deus, por fim — ad Deum. O homem é o instrumento pelo qual os homens fecham este circuito, de Deus a Deus, no exercício da Caridade fraterna. As benemerências, a filantropia, são interruptores oxidados: não estabelecem contacto. Os polos da sua corrente são os homens. Os seus actos provêm do engenho do homem e dirigem-se ao homem em problemas da vida que acaba na morte. O seu potencial é limitado e constantemente decrescente como o das baterias. Pois se a sua carga é artificial!...

Ora se o princípio é o «primus Regnum Dei...» verifica-se, com certeza infalível, que tudo o mais vem por acréscimo, porque o motor é Deus e o fim do movimento a Sua Justiça. E neste caso temos Caridade. Temos uma fonte de energia sempre rejuvenesceda, nem estacionária mas crescente porque o seu potencial não é um artifício humano, mas em pessoa **Aquele que é**. Tudo isto vem a propósito do silêncio que tem havido sobre esta coluna. Não é que o movimento tenha afrouxado, graças a Deus, mas o espaço do jornal que é, número a número, mais difícil de multiplicar.

Agora continua sendo a palavra actual. Até no reacender de iniciativas. Aquela que Pai Américo encetou em tempos, batendo pessoalmente (Deus sabe com que sacrifício!) as portas de algumas ruas do Porto; e que, depois da sua morte, foi retomada pelos comerciantes da R. de Santa Catarina, logo seguidos pelos de muitas outras ruas — foi agora retomada por um grupo cheio de boa vontade na «Praça da República e ruas confinantes».

Dia a dia, aquela Comissão tem-nos posto a par, dos resultados obtidos, por meio de um postalzinho cheio de delicadeza e dedicação:

«Meu Amigo

Começamos a nossa ronda da «Praça da República e ruas confinantes». Um sucesso! Esmolinhas de \$50! Que encanto!

1.º dia — 522\$00. 2.º dia: 732\$50. Só no Largo e Rua da Lapa e Rua Nossa Senhora da Lapa.

Sou dedicado H. M.»

E dos 3 dias seguintes nos têm chegado novas que só por me não alongar demasiado não repito aqui. Mas não é apenas a Praça da República. Uma comissão formada há um ano no bairro Costa Cabral ainda não parou. Não há mês que nos não traga notícias daqueles lados. As últimas somam 600\$00.

Depois são os que se impuseram por devoção a sua «renda»:

«Envio 200\$00, dos meses de Agosto e Setembro. São já 16 prestações que enviei desde o fim do ano passado. Que Deus e o Pai Américo abençoem estas migalhas, protegendo a Obra e todos aqueles que se sacrificam por Ela».

O do plano decenal com a 7.ª, 8.ª e 9.ª prestação do 3.º ano. Fica pois em 3.300\$00 no caminho da sua casa. Grão a grão!...

Outro, este de Lisboa, com o mesmo programa. O mês passado mandou 1.300\$00 e agora um vale de 100\$00 «que eu prometi enviar todos os meses até completar o custo de uma casa».

Chegou a 1.ª prestação para a casa «Seja o que Deus quiser». Quem se propõe a erguê-la não quer ter nome e subscree-se com a «simpatia dum apaixonado». E conclui por um desabafo: «Que Deus me dê forças para suportar as injustiças terrenas». Aqui está a cristã «vingança» de alguém que deve padecer: procurar a Justiça cuja carência sofre. Oh mundo! se tu entendesses esta linguagem, não andavas com a cabeça na lua... artificial!

Mais o pessoal da HICA com 2.004\$00, 1.888\$10 e 1.934\$30 de Julho, Agosto e Setembro. A Administração envia, quanto seu Pessoal junta no 1.º semestre deste ano: 13.810\$20. E uma casa de um português do Pará. Cem o mais 80\$00 para a Casa de Nossa Senhora do Carmo. E a casa de Nossa Senhora de Lourdes que tem andado tão esquecida?

O que poupa 20\$00 ao tabaco todos os meses não falha nunca. Da Alfândega do Porto 140\$00. De quem deu a «Casa de S. José» mais 810\$ e outras encomendas para o recheio daquela casa, mais um paramento pró Calvário e mais esta riqueza: «Espero que cada vez mais essa tão grande Obra progrida. Por ela oferecem muitas vezes as doentes deste sanatório as suas orações e sofrimentos». Com aliterações destes, quem teme pela estabilidade da construção?

Mais uma casa de um Amigo que lhe tomou o gosto: «Querendo no dia de aniversário de meus saudosos Pais suavizar um pouco os sofrimentos dos Pobres, junto um cheque de 12 contos para uma casa na freguesia de Medrões». Meu querido Padre Mendes tome lá nota de mais esta! De Joane 1.758\$00. Trezentos de «Uma Mãe agradecida».

Outra casa, «Carlos e Alberto» será o seu nome. Padre Baptista manda notícias de Lisboa. Doze contos; 818\$70 para a 3.ª Casa dos Professores primários; mais 100 «em honra de Santa Filomena»; e 300\$ e 500\$ para a «Casa do meu Zeca».

Do Pessoal da E.C.C. do Porto, 1.216\$90. Afinal as Lourdes sempre aparecem. Mil de «uma alma que crê e confia em Deus» e cem «pedindo. — Lhe graças que não mereço». Outra casa, com o nome de «Jorgetina».

Duzentos da Beira e esta prece: «Peço a Deus saúde e trabalho». Mais Africa: M. de Nova Lisboa, acaba a sua casa com uma bolada de 4 mil; e este monumento de beleza eterna: «Ofereço o subsídio especial que meu Pai recebeu da Empresa que serve — Diamang — por motivo do meu nascimento, ocorrido em 20 deste mês — festa de S. Jerónimo Emiliano, pai dos órfãos e dos pobres. Que sirva para ajudar a erguer uma casa onde possa vir ao mundo, com o conforto devido, alguém que, a ser menina, gostaria que tivesse o nome de Maria Manuela».

Mil de uma 3.ª prestação; «meta-de para a casa a oferecer pela Conferência de Santa Isabel»; e 200\$00 da Helena, por Agosto e Setembro.

No Teatro Sá da Bandeira há uma caixa que rendeu quase os doze contos. A Empresa arredondou o que faltava e aí temos nós a 1.ª Casa do Teatro Sá da Bandeira. «Uma Sintreense com o produto do 1.º aumento: 743\$20. Já não é a primeira vez! Cem da Póvoa de Varzim, Três vezes mais, referentes ao 1.º semes-

tro do ano, de Rio de Moinhos — Abrantes, Do Pessoal do Grémio de Panificação do Porto 182\$50 e 189\$. Mil de um assinante e filha. Outro tanto, 7.ª e 8.ª «pedra» para o «Lar de S. José». «Esta «pedra» leva um pedido para o meu protector S. José. E que também não tenho casa. O resto fica entre os dois». Bendito seja Deus pela bondade em que nos dá participar! A 13.ª prestação do assinante 6.790 e a 15.ª da Casa «A minha Noiva».

Mil por uma graça muito especial — a nossa 2.ª filha. «Poderá ser a 1.ª prestação do Lar Carmo e Carlos. Pode, sim senhor!»

Mais Lisboa: Perto da «Casa da Junta Nacional do Vinho» 289\$40 e 700\$00 de «migalhas», no Montepio. Uma dúzia «para mais uma casa onde mais convier. Não diga quem foi». Não digo, não senhor, que nem eu já me lembro. Mas tome lá um viva por aquela liberdade: «onde mais convier».

Alto lá. Pare o trânsito, que se trata de um desfile militar. Ó força dos exércitos se todas as suas marchas fossem desta sorte! Oficiais, Sargentos e Praças do Regimento de Artilharia Ligeira n.º 2. — Coimbra, uma casa e mais uns pozes: 211\$00. Uma Luisa que começa agora com 50\$ e a esperança de concluir «daqui a uns sete ou oito anos». Para as Casas «Manuel» e «Luisa», as duas dúzias respectivas. A 12.ª prestação da «Casa Candidinha e seu pessoal», a 5.ª para a Casa «Lar de Nazaré». Mais duas casas de Lisboa, «S. Luís» e «S. Rita», 12.500\$ do Brasil através de Jenny Costa: Vinte para uma telha da «Casa Nossa S.ª do Carmo». Cem, de um dia de trabalho. Sete mil, de Lisboa, de um Américo. Mais a «Casa do Sagrado Coração de Jesus». E outra, com este testemunho por legenda:

«O que agora acontece é o fruto dos ensinamentos colhidos na leitura do vosso e nosso querido Jornal. Desde que ele entrou em nossa casa não sei que impulso misterioso exerce sobre nós, pois é sempre com lágrimas de comção que o lemos e sentimentos impelidos para a prática da Caridade».

A memória do Pai Américo é por nós venerada com a de um Amigo e Santo Protector. Em sua homenagem fazemos esta oferta, na certeza de que ele continuará ouvindo as nossas preces e intercederá perante o Senhor pelas nossas maiores necessidades que são, neste momento: Saúde e Paz.

Desejariamos que a casinha que oferecemos fosse dado o nome de «Amor fraternal», pois foi ele que tornou possível a realização desta promessa.

Que a vossa bendita Obra prossiga para continuar a aproximar o Homem de Deus pelo amor ao seu semelhante.

Duas Irmãs muito Amigas».



ensinaí dos vossos filhos a grande virtude da generosidade. Não deixéis que no seu coração tenro de criança se instale o vírus mortal do egoísmo feroz. Da Niassalândia chegaram 100, Rio Tinto marca presença pela voz da sua Conferência: são 282\$50. Lourenço Marques quer colaborar connosco e manda 250. Roupas de Angola — Sá da Bandeira. Mais roupas e calçado... E tudo no Espelha da Modd. De novo a voz de Lisboa se faz ouvir com 350\$00 e promessa de que voltará com igual quantia. Palavras de incitamento e 100\$00. Idem de alguém que agradece todo o conforto moral e a ternura que o «Gaiato» leva ao seu coração.

Deixem passar os funcionários da «Caixa Sindical de Previdência dos Barqueiros, Fragateiros e da Construção Naval do Distrito do Porto» — com mil escudos. Africa é também Portugal. Uma pequenita do Dundo manda 100. Mais vinte do costume. O Porto não nos deixa e volta com 100. Lisboa segue-lhe as pisadas com igual quantia. Copos do Porto e uma prenda para o Abel. «Hoje mesmo consegui que me sobrassem 50\$00 das minhas despesas e envio-os para

ai». Alguém que pede que o seu nome fique escondido dá vinte mais 100. É de Ilhavo.

Angola está presente com um décimo premiado. Mais 500\$ em acção de graças. Portalegre manda 20 e diz que continuará. Em depósito no Banco Espírito Santo ficaram 217\$50. O Pessoal da Mobiloil não falta e dá 58\$50. Mais 12\$00, testemunho vivo de muito suor e sacrifício. Mais palavras de incitamento e 100\$00 de «um aumento do vencimento de meu marido».

Do grupo excursionista «Os Amigos do Senhor da Pedra» 125\$00. Mais 900 e uma taça de Maceira — Liz. Os doentes do 3.º andar do Sanatório de Celas enviam 50\$00 obtidos com migalhas e prometem continuar. Idem do costume e dá graças a Deus por poder continuar. Da rua Aljeres Malheiro vêm 100\$00 e pedido de orações. E mais 50. E mais 100 do Porto. Grupos de Guimarães cotizam-se e arranjam 79\$80. Um amigo da 1.ª hora quer estar presente também. Queremos a presença de todos.

Padre Manuel António

Facetas de uma Vida

Continuação da 1.ª Página

rendia às delicadezas deveras filiais do seu seminarista-velho. E outros, da Coimbra de então, alguma vez postos em necessidade, poderiam dizer, e espera-se que o digam, de quanta solicitude foram alvo pela caridade do Américo.

A luta porém não acabara. O Américo era modelo no «desapêgo de tudo quanto era dinheiro; sobretudo duma franqueza extraordinária. Era a Caridade em pé» — nos dizeres graciosos de Padre Alexandre e Frei Bernardo. Nem sequer a obediência era o seu grande problema, apesar de uma certa insinuação que podia ficar de diálogos como este: «— V. Caridade, que já há tempo vive connosco, bem vê como vivemos contentes, sem preocupações, num grande à-vontade, felizes, sempre com a carinho na água (lhe dizia Padre Alexandre)».

E ele, sobre a cama, vestido, ruminava... — ... Sim! É assim! Não posso negar. Eu mesmo fe-

lizmente o experimento. Vivo satisfeito, satisfetíssimo. Mas... frade!... frade!...

— ... Quê? Frade quê?

— ... A coleira! A coleira! Alexandre».

Não! Não era a obediência o grande problema! Tirando casos como o de Frei Matias e outros, sempre realizações de Caridade, que ele não sabia serem-lhe vedadas ou não era capaz de reprimir por amor de uma disciplina que só seria para ele, se ele fosse chamado a ela — tirando casos destes — ele foi ainda, exemplo de obediência, aqui e então, como mais tarde havia de o ser já no seu caminho, repleto de factos de uma ortodoxia quase escrupulosa, ainda que muitos mal compreendidos e até malsinados pela vulgaridade, essa terrível força da inércia.

Não! Não era a obediência o grande problema! Este, não era ainda o seu caminho... Eis.

Outras vezes a luta vinha de uma certa saudade do passado. Eu ouvi durante estes meus dias de retiro a sirene dos barcos, que entram e saem do porto de Vigo. Ele também ouvia e recordava o mundo que deixara, cheio de tudo «quanto licitamente se pode adquirir com dinheiro», mas vazio daquela Paz nascida da contradição, que é sinal de Cristo e tem, por isso, sabor de eternidade. Não retirava, pois, a sua vida das mãos de Deus aonde a colocara. Mas a sua carne, mortificada por tanta novidade de provas, não podia deixar de gemer, silenciosamente embora, a nostalgia de brisas mais suaves.

Emoldurada, espreita a cela de Frei Américo. À direita, paredes meias, morava Frei Matias.

DOCTRINA

SETÚBAL

Um telefonema trouxe-nos a notícia da visita. Um Pároco de longe queria falar comigo. Ainda lhe sugeri um dos nossos padres, mais seu vizinho... Mas não; era comigo.

Aquele Pároco vai começar uma obra social de grande vulto. Vinha saber métodos de angariar receitas, na suposição simples e sincera de que nós éramos mestres no assunto. Pois não mantemos desde princípio grandes obras? E só a sustentação das nossas casas não é já uma grande obra? Ele sabia que não usamos sorteios, nem festas, nem outros meios muito comecinhos. Também não crê neles e não os queria usar. Por isso veio, muito simples e sincero, de bem longe, para saber do nosso sistema.

Eu não pude esconder um sorriso. Sorri de mim mesmo, da minha ignorância, da minha estranheza de tal pergunta. Pois, na verdade não mantém a Obra, desde o princípio, obras de grande vulto?! Na lógica do século aquela pergunta é natural, prudente. O Evangelho mesmo, a recomenda: «Qual o homem que indo a construir a sua casa não vê os meios de que dispõe? Não vá a casa não chegar ao telhado e ele tornar-se a irrisão do povo...»

Contudo, para nós a pergunta não tem sentido. É verdade que desde o princípio sustentamos obras muito dispendiosas, mas elas não são mais do que o «acréscimo» necessário e prometido à Obra que Deus gerou.

Temos ouvido algumas vezes, de levitas e de samaritanos, palavras de confusão acerca da Obra da Rua! Falam da Obra assistencial que ela também é, como se fôra só, ou sobretudo, isso. Não. A Obra da Rua é um facto religioso, providencial. Este é mesmo a causa da sua grande difusão. Este o carisma que lhe dá o interesse.

O povo espera e ama a Verdade. Só a Igreja tem a Verdade para dar. O povo estremece a nossa Obra apenas porque ela é um rebento que bebe a seiva das raízes bi-milenárias, nascidas da Semente sepultada à beira da Cruz da Sua Morte, da Cruz nossa Vida. Mais nada.

E porque amar é dar; e mais que dar, é dar-se — o povo dá-se-nos e no seu dar-se, dá-nos com que manter, desde o princípio, obras tão dispendiosas.

Quem vir por outra luz, não vê! A Obra, primariamente não é uma instituição para rapazes abandonados nem para doentes sem amparo físico e moral, nem para acudir às mil necessidades dos Pobres que nos procuram.

Antes que fosse isto, Ela irrompeu como um vulcão no peito de Pai Américo, como um vulcão divino, porque irrompeu de Deus. O que foi sendo, o que vai sendo, as modalidades em que se desdobra foram segredos que o Senhor lhe foi soprando na hora que Ele sabe.

E foi por isso que Pai Américo foi ilógico segundo o pensar do século e imprudente no dito do Evangelho para o comum dos homens. Foi por isso que ele não perguntou a ninguém por métodos de angariar receitas. «Deus quis, o homem sonha, a Obra nasce». É o poeta quem nos dá a génese verdadeira da Obra da Rua.

Aquele Pároco fez bem em perguntar. Veio, foi errado, bater a má porta!

Este ano, nós fomos pedir pelas praias e termas do costume: Padre Baptista, Padre Horácio e eu. Parece que nos combinámos. E não. Só depois confundimos uns aos outros e nos rimos da coincidência do nosso esquecimento.

Pedir nas Igrejas, à estação da Missa, é o único acto activo em busca de receitas. Pois este verão esquecemo-nos. Pregámos os Pobres e a necessidade de lhes acudir. Pregámos a necessidade dos ricos serem pobres por virtude para não serem tantos os Pobres por miséria. Pedir..., esquecemo-nos! O que vale é que já somos conhecidos. Quem quis deu. Deu o que quis e pôde, de sua livre vontade.

Comigo levei um dos nossos do Lar do Porto. Contou-se o peditário. Um pouco menos de metade do ano anterior. Disse isto. Ele encolheu os ombros: «Não interessa. Deus queira que ficasse alguma coisa». Que melhor garantia de receitas do que um rapaz da rua capaz daquele dito?!

Não sabemos outro método. Não sabemos outro, nem queremos saber.

Era meio-dia. O sol batia de frente à nossa Casa. Ela vinha trôpega, inchada, arrancando uma complicação de doenças e desgostos bem visível no olhar macilento e enevoadado.

Na véspera haviam telefonado: — Eu vou aí levar dois filhos. Tenho de ser internada no hospital. Há meses que estou doente. Trabalhava numa fábrica mas agora não posso. O meu marido, ao ver-me assim, abalou de casta, deixando-me rodeada de filhos. Não sabemos onde é que ele pára. Moro em Setúbal, num quartozinho, onde mal cabe uma cama e lá viviamos, pai, mãe, quatro filhos e uma filha.

Eu disse que não viesse; que não podia agora aceitar ninguém; que não aceitava. Ela arrastou-se com um filho de cada lado. Cobria-lhes os andrajões a poeira dos caminhos. Confiava na comunicação da dor que intimamente a consumia. Um arrebol de esperança se escondia ainda para além da borrasca que se agitava naquele coração de mãe. — «Eu vou aí e conto-lhe como é a minha vida».

Quem se mantém firme em resoluções como a minha? Quem? Pergunto à Senhora Professora se podia receber mais um na escola. Que sim. E eu deixo-me levar.

Os pequenos comeram da nossa sopa e das batatas com a conserva que os amigos de Setúbal nos franqueiam. Comeram e ficaram. Ela partiu com parte da dor mitigada. Eles choram ao verem a mãe afastar-se. Daí a três dias tentam uma fugida. «Nazaré», do Tojal, mais eu temos de nos cansar para os apanharmos. — «Eu quero ver a minha mãe. Eu quero ver a minha mãezinha!». Não chama-

ram pelo pai. Não sentem saudades de quem os abandonou no momento em que mais precisavam do seu braço.

Eu ralhei. Fiz ver a imprudência da resolução. Olhei-os com carinho e cuidado. Deu-se-lhes uma obrigação. Separaram-se nas camaratas um do outro porque a idade assim o exigia. À mesa do mesmo modo. Os irmãos de sangue começam a familiarizar-se com os outros rapazes. Em nossas casas todos somos irmãos.

Houve dias ainda em que as saudades fizeram rebentar pranto abundante. Agora são já gaiatos. Pertencem à nossa família. O ambiente de a vontade, de espontaneidade, para que se viram transplantados, conquistou-os. Hoje vieram-me pedir para os deixar ir ver a mãe que estava doente. Hesitei. — «Nós vamos mas queremos vir. A nossa mãe agora já nem nos conhece». Não era a roupa, agora lavada e remendadinha; não era o calçado; não era a saúde mais vigorosa; muito menos o mimo, a ordem e o asseio. Não era isso o que faz dizer a estas crianças: — «a nossa mãe agora já nem nos conhece. Nós vamos mas queremos vir».

Quem é agora o pai destes abandonados? E a mãe destes quase órfãos? Quem a sua família? «Nós vamos, mas queremos vir».

Padre Acílio

ATENÇÃO

Um assinante de Safara pede os números 299, 300 e 301 do Gaiato para completar uma colecção.

Um de nós precisa também, do 1.º volume do «Pão dos Pobres». Tem a palavra quem nos puder servir.



Aqui, LISBOA!

Cont. da pág. UM

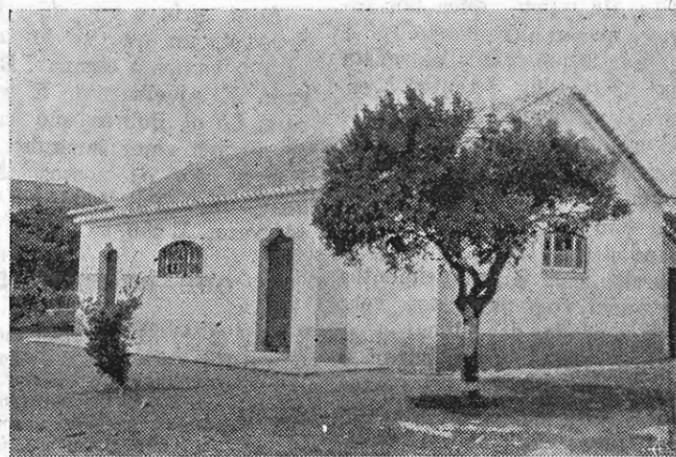
justiça a coabitação da felicidade com a infelicidade, lado a lado no mundo.

Só o Evangelho dá a resposta que sossega. A Cruz, que nas suas últimas páginas se ergue gloriosa, é o sinal de vitória. A dor, o sofrimento, a morte triunfam pela Cruz.

Mesmo sem ela não há verdadeira vitória. Tudo rui, tudo cessa, tudo se extingue.

Por isso gosto tanto de dar com a Cruz no interior das barracas e no peio dos enfermos. É a vitória certa. Cristo o primeiro vencedor.

Padre Baptista



Outras vistas: ar, largueza, luz. Este é o balneário do Tojal.

Chales de Ordins

É de todos sabido que a família portuguesa já não é o que foi noutros tempos, modelo de fecundidade e fidelidade, sacrário de virtudes de pais e filhos. Hoje a consciência adormeceu nos esposos e muitos negam-se a cumprir o preceito «crescei e multiplicai-vos». E não são de ordinário os Pobres que claudicam neste ponto, o que equivale a uma acusação. Como se deixam arrastar só pelo prazer, separam-se quando lhes apraz, procurando novas uniões. Esquecendo os direitos de Deus, o homem nivela-se aos animais, nos quais há só instinto, degradando-se pelo mau uso da sua inteligência. Aquela palavra sagrada «o que Deus uniu o homem não separe», referindo-se à união indissolúvel do matrimónio, foi deixada pela autoridade civil ao dispor dos consortes, legitimando todos os seus desregramentos. No pretense respeito da liberdade e felicidade humanas, nasceu o divórcio e com ele um mar de torpezas e lágrimas. O casamento não é uma experiência, mas um contracto indissolúvel, cujos laços só a morte pode quebrar, permitindo novo consórcio. Só assim pode haver amor e paz no amor. Só assim é possível a educação dos filhos.

Recebi uma carta de Moçambique, em que se pede às teceadeiras rezem «uma Avé-Maria pela A. Católica nesta cidade, e para que a felicidade volte ao meu lar. Durante 10 anos o meu lar embora mais pobre do que é hoje tinha a única coisa que ambicionei neste mundo: o amor do meu desgraçado marido! Que elas nunca desanimem de trazer, e chamar ao bom Caminho, as suas companheiras perdidas. Foi uma infeliz que fez a desgraça do meu lar! Que Deus a ilumine e lhe dê o arrependimento do muito que me tem feito sofrer há 11 longos anos!» Esta carta revela uma grande alma, que se mantém de braços abertos para

receber o Pródigo e tudo perdoa à «infeliz que fez a desgraça do meu lar». Na verdade uma mulher que vive com um marido que não lhe pertence é uma «infeliz», i. é., não tem, nem pode ter felicidade, porque fez a desgraça dum lar, que é indissolúvel por ordenamento de Deus.

Não admira que vá pelo mundo tanta desorientação nas almas, quando a Imprensa, Cinema, Rádio e Televisão têm medrado tanto no desconhecimento dos sagrados direitos de Deus e do homem, quando as leis não defendem, como seria mister, a santidade do lar, legalizando manobras com o nome de casamento civil ou deixando proliferar na sombra uniões carnavais condenadas por Deus. Certo, a nação precisa de leis que fortaleçam os sagrados laços da Família e são muitos os inimigos que urge combater.

x x x

Ordins prepara-se para satisfazer os pedidos das senhoras e senhores que só se lembram de Santa Bárbara quando tropeja. Vamos a ver se podemos neste inverno contentar as pressas de quem nos procura. Se todos fizessem como Lorrvão que já encomenda para princípios de Dezembro, ou como um ex-gaíto do Porto para fins de Novembro...

Lisboa cá vai. Ihavo «queria-os bem branquinhos, pois são para sete religiosas». Por isso, um para cada uma. Para a Esquadra n.º 11 de Montejusto mais outro. Uma aquista de Caldas da Rainha aproveitou o tempo final da sua cura em Alcobaça. «Agora diga mal da propagandista!» Não, senhora, não digo. Pena foi ter-se lembrado tão tarde. Para o ano...

Tramagal, Aldeia do Bispo e Póvoa de Varzim vão juntinhos. Montijo, Vila Real e Alfeizerão seguem também. E mais nada por ora, que o frio ainda não aperta.

Padre Aires

Tribuna de Coimbra Pelas Casas do Gaiato

Ainda não demos contas aos nossos leitores e contribuintes daquilo que nos deram nos peditórios de verão no centro do nosso Portugal.

Não nos podemos queixar. Recebemos o sim e o não do mesmo modo. Não podemos exigir. Ninguém nos deve nada. A exigência de pedir vem da nossa vida. Os padres da Rua vão de porta em porta, se necessário for, pedir pão para os filhos de ninguém e que são os seus. Seus, por amor. Por amor deles, recebem o sim e o não alegremente.

Mas, mais do que pedir, nós queremos levar por essas terras fora. Levar Cristo. Cristo Crucificado no nosso irmão. É assim que nos apresentamos; e quem se apresenta assim, é sempre bem sucedido, embora não pareça. Esperamos deixar sempre mais do que trazemos.

Começamos por Monte Real. Deram-nos um nadinha mais de três contos.

A seguir fomos ao Luso, que deu quase quatro e meio. Depois foi em Santa Catarina da Figueira da Foz. Estava muita gente e procurei que todos me entendessem. Trouxemos o mesmo que de Monte Real. Por último veio S. Martinho do Porto com quase 7.

A Câmara de Coimbra deu-nos os cinco contos do costume. Fazem sempre tanto jeito naquela altura! Trinta e duas excursões da Figueira. Tudo gente pobre. São tostões de muito suor. Vinte em Coimbra; cinquenta do Buçaco; o mesmo da Louçã; coisas de comer de Coimbra e mais cinquenta que mandaram buscar e o mesmo por alma de pessoa querida.

Assinaturas pagas no Castelo; vinte de visitantes; trezentos do primeiro aumento dum funcionário dos C.T.T. de Coimbra e logo a seguir mil do aumento do vencimento do agregado familiar de Algés. Quanto estes actos de renúncia e confiança nos elevam.

Como há-de ser grande a Bondade de Deus, se os pobres homens assim se manifestam!

Cinquenta de visitantes; cem de pessoa amiga, residente na Califórnia e agora de visita à sua e nossa Pátria; cem de Mira, de quem nunca nos esquece no seu aniversário.

Quanto por vezes se gasta mal nestes dias e tantos à espera com fome!

Duzentos e quarenta dum sacerdote muito pobre e com quem eu ralhei; quinhentos que não deviam deixar; cem levados ao Lar; vinte pelo correio; cem e cumprimentos de quem veio para nos ver; roupas usadas dos filhos!

Aqui tenho que parar e lembrar o inverno dos vossos filhos e de todos os que não têm quem se lembre deles. Nesta altura já tanta gente nos veio lembrar alguma coi-

PADRE HORÁCIO

sinha de roupa e um cober-torzinho.

Nós mandamos esperar e estamos à vossa espera. Mel que uma senhora vizinha do Lar costuma mandar buscar; cinquenta no Castelo para a Mãe dos 6 filhinhos; cem em Mira muito escondidos e outros cem do mesmo modo; vinte e cinco de visitantes; 20 a um vendedor na Figueira; 500\$ de quem partiu para o nosso Ultramar e muitos mimos em Medelim; «150\$00 de uma lição» de Coimbra; 50\$ dum estudante que a madri-

nha lhe dera de foliar. Cinquenta de visitantes; mais vinte; cinquenta de S. Martinho do Bispo; mil de Anadia pelas almas do purgatório; 150\$ de quem passou a pé para Fátima; vinte de visitantes; cem dum grande Amigo; dez na praia; 40\$ e mais 30\$ no Castelo; trezentos das duas amiguinhas de sempre; duzentos em visita a pessoas amigas; muito livros usados que fomos buscar; dois mil para os mais necessitados daqui e de Paço de Sousa. Nesse dia tínhamos quinze tostões e não pudemos pagar a água e a luz. Quando as coisas são de Deus, o dinheiro está na boca do peixe ou de baixo da pedra.

Notícias da Conferência da Nossa Aldeia

UM ANIVERSÁRIO

Dia 23 de Outubro aniversário natalício de Pai Américo.

Reunimos os Pobres num almoço. É da tradição.

A hora aí estavam. Camisa lavada, o melhor fato. Até os entrevados marcaram presença! Quim foi por eles, no «Morris».

O almoço foi sopa gostosa, arroz de forno com lombo de porco, doce por sobremesa — uma especialidade! Todos comeram, sofregamente.

Reparamos no Senhor Meireles — mal refeito de novo derrame — tão alegre, tão alegre, que às vezes soluçava. Uma maneira de exteriorizar a sua alegria interior, já que a doença não lhe permite outra. Reparámos numa Viúva que de emocionada não resistiu à força das lágrimas. Reparámos, enfim, na sã fraternidade em que todos comungamos. Foi realmente uma hora de fraternidade cristã.

Houve um cigarrito prós homens. E a Senhora D. Ana que faltou por via da gripe, não deixou de marcar presença: as moedas mal-las amendoas do costume foram à sua conta. E já me esquecia das regueifas! Para cada um, uma.

Depois da barriguinha cheia fomos à Capela. Bendizer o Pai Celeste e orar por Pai Américo.

Aqui seria o fim, não fora a voz de um que se levanta: «agora vamos à campa». E foram. E ajoelharam. E rezaram. Só os Pobres são capazes de um amor tamanho. «Os Pobres são os nossos Amigos», disse Pai Américo tantas vezes. E são.

O QUE RECEBEMOS

Uma Carta: «Envio vinte escudos para a Mãe tuberculosa e é com sincero desgosto que me atraso não cumprindo o desejo que tive, no momento que li a notícia, sentindo no coração os gritos da infeliz. Como poderia não sentir! Sou Mãe e também já estive proibida de beijar meu querido filho.

Contudo mando tão pouco! Mas confiado em Deus que breve mandarei mais um pouquinho do primeiro dinheiro que o meu Marido recebeu, depois de três meses sem ganhar». Da assinante 30085, 500\$00. Boelhe, 50\$00 «duma Mãe também». Oh legendas! Assinante 21454, 200\$00. Idem 11273, 20\$00. Mais vinte de Alguém, de algumas. Metade da assinante 15266. África não podia faltar. Eis uma carta de Boma, Congo Belga: «Junto 200 angolares, que Deus a proteja e rezarei por ela para que tenha sempre pão para dar aos seus filhos. É uma Mãe que envia e as suas orações que peça a Deus e à Mãe do Céu para que proteja o meu querido filho». Os gritos da viúva penetraram fundo no coração das Mães. Quem, no mundo, melhor que uma Mãe sabe compreender o sofrimento de outra Mãe? Assinante 30413, de Coimbra, 50\$00: «Gostaria de poder dar mais e mais vezes, mas vivo aqui num bairro onde também há tanto a quem acudir!...». Lisboa 30\$ da assinante 13582. E o mesmo do assinante 13348. Por intermédio do Sr. Padre Aires, 50\$00 do Arieiro (Lisboa). J. Miranda Júnior, 50\$00 «por uma graça graça obtida pelo Sr. Padre Cruz». No Espelho da Moda mais 50\$00 de um Anónimo. Outro envelope com o recorte da notícia publicada em um dos números anteriores e 20\$00; o carimbo é de Braga. Que maneira tão simpática de dar! Mais 20\$00, de Miquelina Cerqueira, Lisboa. De Évora, uma carta com 50\$00, diz em determinado passo: «Gostaria de poder mandar mais, mas uma doença pertinaz transformou este ano o «dinheiro dos meus irmãos mais pobres» em receitas e drogas. Bendito seja Deus por tudo! Se Ele quiser dar-me um pouco de saúde e permitir-me trabalhar, continuarei a marcar a minha presença pobrezinha, mas de amiga da 1.ª hora».

Prá viúva é o que vai acima. Isto agora é sem destino determinado: De Alice Prates 20\$, Metade do Ovar 50\$ do assinante 1.988 «para o Pobre mais necessitado». 20\$00 do N.º 20.636 e o mesmo dum assinante do Porto. Aurora Oliveira e Costa, idêntica quantia. Angela Lobão 60\$00 relativos ao 2.º semestre do ano corrente. Prof. Dr. Correia da Silva, 20\$00. Da Mãe do Sr. Padre Carlos, idem. Mais S. Mamede o costume e uma observação: «Fico com um mês em dívida, mas pedi a Deus para que me ajude sempre e assim saldar o meu compromisso convosco». A que altura levou esta Senhora o seu «compromisso»? Louvado seja Deus. Assinante 31.856, 20\$00. O dobro de José Rocha e Alvaro Macedo, do Coliseu do Porto. Engenheiro Vilela Bouça, 30\$00. Uma migalha de Guimarães: 3850 remanescente dum acerto de contas com as nossas secções de livros e jornal. Alberto G. Araújo, 80\$00. Assinante 7.696 «50\$00 para os Pobres mais necessitados». «Bébé n.º 3 quo-

LAR DE COIMBRA

Começou há já algum tempo o ano lectivo de 1957/58. É nesta altura que nas nossas Casas de Miranda e Coimbra se começa vida nova, se inicia nova etapa que termina com o início do ano lectivo seguinte. Na Casa de Miranda, depois das férias, em que coube a cada um uns dias de praia, começa a escola, e todos se encontram com novas forças para trabalhar, e sobretudo, para fazer dia a dia, por se aperfeiçoar, por corrigir o que se fez mal feito no ano transacto.

Aqui em Coimbra, durante as férias, o Lar ficou reduzido a poucos rapazes — os empregados, — visto que os estudantes foram passar as férias a Miranda.

Ao iniciar o novo ano lectivo, o Lar retomou o movimento habitual, redobrou de vida e alegria.

Este ano formamos uma boa «troupe» (mas dos bichos) pois somos ao todo oito: um no Curso Nocturno da Escola Comercial; outro no 5.º ano do liceu; dois no quarto ano também liceal; um no 3.º; outro no 2.º; um outro no 1.º, e finalmente, outro na admissão ao liceu. Todos estes, excepto o primeiro, frequentam o Colégio «Pedro Nunes» (que daqui a pouco está transformado numa Casa do Gaiato). Nós queríamos ser gratos à Senhora Directora, mas não há palavras para agradecer tamanha dedicação.

Também já todos os leitores sabem quais são as maiores necessidades dos estudantes. Por isso escusado será pedir-vos livros, bem como todos os materiais escolares: pastas, canetas, lápis, borrachas, estojos de desenho, etc.

— Não tarda muito que o Inverno comece a apertar connosco.

É tempo portanto, dos nossos amigos começarem a fazer a limpeza às arcas, guarda-roupas, etc., e nos enviarem o que por lá encontrarem, já fora de uso, pois para nós, tudo servirá e terá uso para nos proteger do frio.

— No fim de jantar, é hora de recreio. Contudo temos de nos contentar em ouvir rádio, pois não temos jogos, nem nada com que nos entretenhemos. Precisamos dum rede e de raquetes de ping-pong e outros jogos. Precisamos de apetrechar a nossa pobre biblioteca com bons livros de formação moral, de literatura nacional e estrangeira. É uma tristeza ver tantos rapazes novos cheios de vida, inertes, sem nada para matar as horas de ócio.

Tenho esperança de que os nossos estimados leitores, vão sem demora, desta vez, tomar uma atitude decidida e vão atender amorosamente as nossas necessidades maiores deste momento. Conimbricenses sobretudo, decidam-se que agora é que é a maré.

— A nossa Conferência Vicentina durante as férias, tem lutado com

tas de Setembro e Outubro», 20\$00. Assinante 12198, 50\$00. Idem 652, 10\$00. Idem 10622, metade. Idem 19736, dez vezes mais. Idem 1265, 40\$00. Eduardo Sarmiento, metade. Farmácia Chão Verde, 43\$00. Da Rua das Azuleas, 88, 20\$00. De algures, 30\$00. João Manuel Carneiro Santos, 30\$00 «para um pobre, doente, muito necessitado». De um Amigo daqui perto, 100\$00. Laura Costa, 60\$00. Monte Estoril, 20\$00. St.º Amaro, 50\$00. Assinante 18334, 20\$00. Uma Visitante, 10\$00. A muito conhecida assinante 17022, 40\$00. Rosa Ramos Costa, 5\$00. E uma carta: «Há quase um ano prometemos continuar. Aqui estamos pois a fim de enviarmos para os vossos Pobres o que de novo conseguimos juntar. Felizmente para um e infelizmente para outro as nossas relações limitam-se agora a amearhar este dinheiro. Portanto só prometemos continuar enquanto for possível. Nós».

E mais nada.

Júlio Mendes

grande dificuldade. Excepto dois confrades, todos os mais são estudantes. Por isso, durante as férias apenas dois andavam a trabalhar.

Todavia, a assistência aos Pobres manteve-se normalmente, graças a Deus, embora como já disse muito dificilmente.

Agora estamos sem dinheiro e os nossos leitores e amigos parecem já esquecidos da nossa Conferência. Porém eu apelo, em nome dos nossos Pobres para a generosidade de cada um e lembro que necessitamos dos vossos donativos, das migalhinhas das vossas mesas, e sobretudo agora que lá vem o Inverno, o Carrasco dos Pobres, precisamos de roupas para podermos dar aos nossos Irmãos Pobres um pouquinho de conforto e agasalho por Amor a Jesus Pobre.

Carlos Manuel Trindade

LAR DO PORTO

Toda a pessoa que quer ter o seu pobre, é porque o ama. Se o seu donativo é muito ou pouco, não interessa; o que importa é que o ame, porque se o não amar é tempo perdido. E, para tal acontecer, conforme nos for possível, daremos notícias aos componentes da «Campanha Tenha o seu Pobre».

Começamos pelo Senhor Cruz — Beira — Africa, que é o primeiro benfeitor desta Campanha; portanto já não é sem tempo. Ele não os pediu, como aliás, não é aos caros benfeitores que compete. A obrigação é toda nossa. Damos-las boas ou más, porque não queremos ser só nós os beneficiados. Não, porque queremos que toda a pessoa que ama o seu pobre, sofra e se alegre, como Cristo, segundo o procedimento de cada um dos seus filhos.

Como estava dizendo, começo por dar notícias ao Senhor Cruz. O pobre deste, é uma família ampla: Pai, Mãe, um filho de 15 anos e 5 filhas, todas elas de 14 anos para baixo. Pai e mãe estavam muito doentes dos pulmões e uma das filhas já ia em princípios. O homem trabalha quando pode na sua arte que é sapateiro; a mulher por sua vez passa o tempo numa fábrica, mas talvez, por pouco tempo, devido ao seu estado de saúde.

Pela graça de Deus esta família, já não está tão mal como a encontramos. Agora vivem numa casa, não é das melhores, mas onde eles viviam nem curral se lhe podia chamar. Os pais estão um pouco melhores, porque, o que ali faltava, não eram os medicamentos; era o pão para as bocas. É uma alegria entrar naquela nova casa: os haveres estão mais arrumados e limpos; os filhos estão mais contentes, e ao fim de tudo isto a paz reina mais naquela casa. Que seria desta família se Deus não tivesse tocado no coração deste benfeitor?

Quanto a donativos: recebemos de «uma pobre, para uma pobre» um embrulho de roupas, dum nosso irmão que daqui saiu há um certo tempo, entregando-nos várias peças de roupa e dizendo que nos vai dar mais. Isto é que é ser gaiato e amigo dos Pobres. Um anónimo apresentou-se com 50\$00 e nós aceitamos; logo a seguir uma amiguinha com 20\$; depois M. E. com 50\$00, para um velhinho; 80\$00 de uma anónima; mais 20\$00; dos nossos subscritores 228\$00. De um amigo que não quer que ponha o seu nome no jornal, 100\$ e por fim a «Campanha Tenha o seu Pobre» destaca-se com 100\$00 de F. V.; mais 150\$00 do Senhor Cruz — Beira e para encerrar esta coluz, 20\$00 da anónima 7 de Maio e 50\$ de uma nossa subscritora que quer ter o seu pobre.

Fernando Dias

COLABORE

NA CAMPANHA

DE ASSINATURAS